

LEVANTES

O QUE EXISTE LÁ FORA TAMBÉM
SÃO LEVANTES. PODEM TER
VÁRIOS OUTROS APELIDOS DO
CÓDIGO PENAL, MAS QUEREM
DIZER O MESMO: EU NÃO
SUPORTO, EU NÃO QUERO E EU
NÃO VOU VIVER A VIOLÊNCIA E O
RACISMO.

Lúcia Xavier

19 de abril de 2022

O convite para estar aqui já me levou às lágrimas assim como também me deixou atordoada. Porque eu não sou, e não tenho o mesmo legado. Mas tenho a mesma dor e o mesmo sofrimento que de alguma forma nos une enquanto seres humanos que enfrentamos a violência do Estado, a violência da sociedade. Talvez não queiramos esse legado, mas assim como o mar, ele nos levou para várias terras e nos trouxe até aqui, fazendo esse encontro possível.

Primeiro, quero pedir um boa-noite a todos, a todes e a todas. É com muita satisfação que eu estou aqui para compartilhar esse momento que, sob meu ponto de vista, levando em consideração a minha própria tradição, é de suma importância. Nós, das religiões de matrizes africanas, temos em nossos ancestrais aqueles que nos guiam. Eles nos guiam não só no contexto das nossas vidas mas também no fazer político. São momentos como esse que estamos aqui, e que se

parecem com os nossos, que voltamos para trás para pensar o passado, olhar o que vivemos hoje e projetar o futuro.

A ancestralidade para nós é a marca fundamental do modo como a gente se governa. Ela é basicamente uma invenção das mulheres. Acabamos de conhecer a maestrina Hugueta Sendacz¹, que me contou como se constituiu toda uma força política do povo judeu contra a violência, capaz de nos trazer até aqui para dizer não a esse processo.

A celebração de hoje, portanto, celebra também a própria existência desta casa. Uma casa que, como a própria ancestralidade diz, pensa o presente e o futuro – porque o passado serve para nos iluminar, ensinar, reorientar e, ao mesmo tempo, lembrar que a memória não é a dor que vivemos, mas aquilo que não queremos mais. É por isso que esta casa se chama Casa do Povo.

Hoje eu tive o prazer de ouvir várias pessoas que trabalham aqui e entender o que elas queriam dizer com essa Casa do Povo.

1. Hugueta Sendacz é maestrina do Coral Tradição, grupo que se apresenta em todos os Levantes do Gueto de Varsóvia na Casa do Povo cantando um repertório de músicas de protesto, entre os quais, o Hino dos Partizanos.

Povo, sob algum ponto de vista, me faz pensar a nossa própria trajetória como grupos raciais e étnicos que enfrentam todos os dias uma dada violência.

Não há em toda a nossa história um momento em que a violência racista não estivesse presente. Talvez não tenhamos todas as palavras para entender o que significa a violência, a escravidão, a tortura, o racismo, as experiências de negação que vivemos todos os dias. Mas, de certa maneira, é a experiência humana que nega a humanidade de outros que está presente em nós todos os dias. Como a nossa própria alma, caminha conosco. E à medida que voltamos ao passado, relembramos que não podemos ser parte do mesmo grupo que renega a humanidade dos próprios humanos. Há uma maioria que tem a sua humanidade negada, e que tem tentado buscar, mesmo nos momentos mais complexos, o mínimo dos seus direitos – não para se vingar, mas para fazer florir novas maneiras de viver.

Eu gostaria de lembrar que os momentos extremos de violência deixam marcas profundas,

LEVANTES TRAZEM
EM SI A NEGAÇÃO DE
LEIS ARBITRÁRIAS,
DAS POLÍTICAS
COVARDES, DA MÁ
DISTRIBUIÇÃO DAS
RIQUEZAS NUMA
SOCIEDADE.

não só nos grupos que os vivenciam como nas sociedades. É a violência que marca plenamente o tipo de humanidade que queremos e para quê nos levantamos todos os dias. Pois ela nos informa que o padrão de civilidade que vivemos no presente talvez não seja capaz de constituir-se como um pilar necessário para sustentar a humanidade que precisamos e desejamos.

É esse padrão de civilidade que nos renega pela cor da pele, pela nossa cultura, pela nossa religiosidade, pelo nosso modo de pensar, pelo lugar onde vivemos, por quem somos, pela língua que falamos. Nos obriga a recuar da nossa própria condição humana, nos ensinando, por exemplo, a conviver tranquilamente com 41 mil mortos, assassinados pelo Estado brasileiro, em sua maioria jovens e adolescentes, sem que isso nos incomode. Ou que nos sintamos à vontade para conviver em uma sociedade onde mais de 38 milhões de brasileiros comem somente uma vez ao dia.

Esse padrão de civilidade acaba fazendo com que seja nossa própria responsabilidade o enfrentamento cotidiano da violência, do racismo e de tudo aquilo que compõe esse processo.

Eu acho que levantes são sinais de que outras humanidades são possíveis e que podemos fazer diferente. Levantes trazem em si a negação de leis arbitrárias, das políticas covardes, da má distribuição das riquezas numa sociedade. E também nos fazem pensar sobre o que queremos e projetamos como sujeitos políticos.

Levantes nos fazem pensar em um novo padrão de civilidade. O que é que ele tem que nos anima a reconduzi-lo como orientador das nossas vidas, quando nós mesmos somos suas vítimas? Quando nós mesmos somos as testemunhas da sua capacidade de recusar nossa humanidade impingindo à gente a violência e a discriminação?

É nosso direito nos revoltarmos. É nosso direito pensar que levantes são sinais de promessa de um novo mundo.

POR ISSO, EU LOUVO AS MULHERES NEGRAS. ELAS SÃO UM EXEMPLO DO QUE SIGNIFICA PRODUZIR LEVANTES PARA MANTER A VIDA. PORQUE AS MULHERES SÃO MÃES E PENSAM NO QUE VAI ACONTECER COM SEUS FILHOS. ELAS VIVEM AS PIORES CONDIÇÕES, MAS SEMPRE PENSAM NO FUTURO. ELAS SEMPRE CONSTROEM NOVAS POSSIBILIDADES.

Levantes são trilhas que podemos seguir para definir o que queremos, e o que devemos manter numa sociedade como a nossa. Em especial, porque temos a chance de, a partir das nossas próprias vidas, reconstruir as relações em um outro patamar.

Levantes não devem servir como lembrança somente. Eles precisam ser iluminadores do caminho por onde vamos seguir. Se me lembro do Quilombo dos Palmares, não é para dizer que Zumbi venceu o colonialismo. Me lembro para dizer que Zumbi criou a primeira democracia racial no país que durou quase cem anos, e que foi efetivamente morta pela violência. Se eu não for capaz de trazer para o presente essas dimensões como aspectos importantes para iluminar o caminho, eu também irei sufocar o levante com uma nova violência.

Por isso, eu digo para vocês que as crianças que nascem da fome se levantam. Elas se recusam à morte e lutam contra esse mundo de desigualdades. Elas não podem ser negadas à vida só porque nasceram na extrema pobreza, só porque são negras, moram em favelas, vivem em péssimas condições de vida. Pelo contrário. São as crianças

que dizem: a vida se sobrepõe, assim como a vida se sobrepôs no Levante de Varsóvia.

Por isso estamos aqui, entre aqueles que herdaram aquela luta e que nos ensinam que a herança do Levante de Varsóvia também é nossa. Não aceitamos mais a violência e o racismo como prática cotidiana de um padrão de civilidade que se mantém firme, mesmo que alguns se dobrem para garantir direitos e condições para outros grupos.

Por isso, eu louvo as mulheres negras. Elas são um exemplo do que significa produzir levantes para manter a vida. Porque as mulheres são mães e pensam no que vai acontecer com seus filhos. Elas vivem as piores condições, mas sempre pensam no futuro. Elas sempre constroem novas possibilidades.

Foi em 2015, por exemplo, que mulheres no Brasil inteiro saíram em marcha até Brasília para dizer que precisávamos pôr fim ao racismo e à violência². Era necessário mudar o padrão de civilidade e trazer o bem viver para essa vida. Mas o que significa o bem viver? Aquilo que pensaram os

2. A Marcha das Mulheres Negras reuniu, no dia 18 de novembro de 2015, mais de 50 mil mulheres em Brasília, contra o racismo, a violência e em defesa do bem viver.

povos indígenas nos Andes, ou aquilo que vivem os quilombolas? Não. O bem viver é a sabedoria milenar que nós carregamos, quase como parte do nosso gene, para a nossa própria reconstrução. É a experiência cotidiana de refazer a partir das nossas culturas e tradições um novo modo de viver em que a violência não está presente. O bem viver é fundar uma nova concepção de humanidade e civilidade em que o racismo, a violência e a discriminação não cabem e não fazem sentido, porque não resguardam a vida e os valores que a gente tanto preza.

Eu acho que a ideia que o Levante de Varsóvia traz para nós é a da utopia. Há várias utopias que se apresentam em nossa sociedade. Como essa casa, fundada por judeus, que existe num bairro coreano e que também é repleta de negros e negras.

A possibilidade de encontro e comunhão é possível, desde que convivamos. Desde que aprendamos a abrir mão de tudo que fortalece esse padrão que não queremos e que faz com que a gente saia daqui e esqueçamos o que existe lá fora.

O que existe lá fora também são levantes. Podem ter vários outros apelidos do Código Penal, mas querem dizer o mesmo: eu não suporto,

eu não quero e eu não vou viver a violência e o racismo. E como a palavra levante também serve para dizer que o sol vai nascer, eu finalizo com um trecho de um poema da Maya Angelou³ que diz:

*Deixando para trás noites de terror e
atrocidades,
eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade,
eu me levanto
Trazendo comigo o dom dos meus
antepassados, eu carrego o sonho e a esperança
do homem escravizado.
E assim eu me levanto.
Eu me levanto.
Eu me levanto.*

Muito obrigada.

3. Do livro *And Still I Rise*, 1978. Maya Angelou (1928-2014) foi escritora, poeta e ativista dos Estados Unidos.

Lúcia Xavier é ativista, assistente social e fundadora da Criola, organização que atua para cobrar, monitorar e defender os direitos das mulheres negras brasileiras.

Organização e edição **Ana Druwe**

Revisão **Lucas Gaspar**

Transcrição **Débora Donadel**

Projeto gráfico **Laura Daviña e Livia Viganó**

Impressão **Parquinho gráfico**

Realização **Casa do Povo**

ISBN 978-65-997864-2-6



LEVANTES reúne os discursos das comemorações do Levante do Gueto de Varsóvia na Casa do Povo.

No dia 19 de abril de 1943, judias e judeus se levantaram contra o exército nazista no último gueto estabelecido na Polônia. Morreram lutando em vez de serem levados aos campos de concentração. A data nunca deixou de ser lembrada na Casa do Povo, performada a cada ano clamando por novas formas de resistência e resiliência. Os textos que compõem a série documentam como também circulam outros levantes em curso. É criando solidariedades que a faísca do Levante do Gueto de Varsóvia permanece acesa.

casadopovo.org.br

Distribuição gratuita

Contribua com um pix no valor de sua escolha para garantir as próximas impressões →

realização



CASA
DO POVO

PAR
QUINHO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO